

A PRÁTICA DO ENSINO CONTÁBIL E A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA: UMA APROXIMAÇÃO EMPÍRICA

Cleide Fátima Moretto¹

Maristela Capacchi²

Sandra Sebben Zornita³

Ivanir Vitor Tognon⁴

Fábio Antonio Resende Padilha⁵

RESUMO

Considerando as lacunas possíveis entre a estrutura curricular e a dinâmica econômica, produtiva e, agora, mais do que nunca, também social dos cursos de ciências contábeis no país, percebe-se a necessidade de se analisar as condições concretas da apreensão da realidade para além das tradicionais estruturas curriculares existentes. O objetivo do presente artigo é discutir sobre os atuais desafios que se colocam na formação e na prática do bacharel em ciências contábeis e as possibilidades de sua atuação, considerando a realidade econômica, produtiva e social em que ele se insere. Busca contribuir com a análise apresentando os resultados inéditos de uma pesquisa empírica, por meio de aplicação de questionários a 333 bacharéis em ciências contábeis, registrados no Conselho Regional de contabilidade do Rio Grande do Sul, que atuam nos municípios-sede da mesorregião Noroeste rio-grandense.

Palavras-chave: Formação do contador, dinâmica socioeconômica, Noroeste rio-grandense

INTRODUÇÃO

A formação do profissional da contabilidade, sobretudo do bacharel em ciências contábeis, vem crescendo significativamente no país. Acompanhando a expansão observada tanto na oferta quanto na demanda de cursos de graduação, essa formação

¹ Economista. Doutora em Teoria Econômica (USP). Professora e pesquisadora da Feac/UPF.

² Contadora. Mestre em Contabilidade pela Università Di Pavia (Itália) e mestre em Contabilidade (Unisinos). Professora do curso de Ciências Contábeis da Feac/UPF.

³ Contadora. Mestre em Controladoria (Ufrgs). Professora do curso de Ciências Contábeis da Feac/UPF.

⁴ Contador. Mestre em Administração (Ufsc). Professor do curso de Ciências Contábeis da Feac/UPF.

⁵ Contador. Bacharel em Ciências Contábeis (UPF). Participou no projeto por meio do programa de iniciação científica Pivic-UPF.

Teor. e Evid. Econ.	Passo Fundo	v. 13	n. 25	p. 155-174	novembro 2005
---------------------	-------------	-------	-------	------------	---------------

conta com a facilidade de implementação do curso, de baixo custo, e a facilidade de ingresso devido à baixa concorrência. Enquanto o número total de cursos de graduação quase triplicou (elevação de 168,0%) de 1997 a 2003, passando de 6.132 para 16.453 nas diferentes instituições de ensino superior do país, no mesmo período, o número de cursos de graduação associados à área da contabilidade⁶ passou de 786 a 1.402, um aumento de 78% (BRASIL, 2004). Dados da mesma fonte indicam que, em 2002, 144.112 alunos estavam matriculados e 20.345 concluíam o curso de ciências contábeis no país, um número 32,0% e 34,5%, respectivamente, mais elevado do que em 1995. Além disso, a proporção média de concluintes/matriculados⁷ vai ao encontro do processo de evasão característico do sistema de ensino superior brasileiro, majoritariamente pago e noturno (SAMPAIO, 2000).

Considerando esse universo de mais de vinte mil alunos concluintes em cursos da área da contabilidade por ano, ainda que a formação no ensino superior insira-se num contexto muito mais amplo, envolvendo a questão da cidadania, a responsabilidade social, o espaço reflexivo e de construção do conhecimento, estamos diante de um desafio no âmbito da interação estrutura formativa e possibilidade de atuação. Percebemos, sobretudo nas áreas das ciências sociais aplicadas, como a da administração e da contabilidade, algumas lacunas entre a estrutura curricular e a dinâmica econômica, produtiva e, agora, mais do que nunca, também social.

Nesse contexto, urge repensarmos as novas formas de organização da produção e do trabalho, para além da grande empresa, formalizada, hierárquica e organicamente competitiva, que se reduz a alguns exemplos no país.⁸ É preciso avançar nos estudos sobre as relações e os avanços que têm sido introduzidos para incorporar nas análises contábeis o processo de terciarização e virtualização da economia, o incontável número de microempresas (IBGE, 2003), autônomas, cooperativas e cooperativados que caracterizam a maior parte da estrutura produtiva e de emprego⁹ do país. A maior parte do emprego nacional (o mesmo para o estadual e regional) está sendo gerada formal e informalmente em empresas com menos do que dez funcionários. De outra parte, para além dos municípios-pólos¹⁰, um grande número de pessoas sobrevive de

⁶ Incluem-se as graduações em Contabilidade e Tributação, Ciências Contábeis, Auditoria, Contabilidade, Tributação e Ciências Atuariais.

⁷ Em 1998 estavam matriculados nos cursos de ciências contábeis em todo o Brasil 122.427 universitários. Se tomarmos como tempo mínimo para a conclusão do curso o período de cinco anos, observaremos uma defasagem significativa em relação ao número de concluintes, que foi de 20.345 em 2002.

⁸ De acordo com os dados do IBGE (2002), 96,8% das empresas brasileiras apresentam uma estrutura produtiva com até vinte funcionários e apenas 0,59% delas, mais de cem funcionários.

⁹ Não pretendemos aqui retomar o debate sobre reestruturação produtiva. Indicamos, nessa linha, Baltar et al. (1996), Paiva et al. (1997), Antunes (1999), Pochmann (1999), Arce (2000).

¹⁰ Conceito baseado na noção de espaço econômico polarizado de Perroux (apud CLEMENTE: HIGACHI, 2000, p. 14), o qual abrange forças de atração e de repulsão que aparecem em função da concentração populacional e produtiva; portanto, a existência de um pólo caracteriza uma área de influência para o mesmo. A literatura relativa à economia e ao desenvolvimento regional aponta para a tendência de polarização do espaço econômico em nível mundial, seja entre países, regiões, mesorregiões e microrregiões. O município-pólo seria representado por um espaço urbano que concentra atividades industriais, comerciais e de serviços e em cujo entorno gravitam centros municipais menores.

um modelo de produção agrícola. O modelo ideal, da grande empresa, sistematizada, formalizada, poderia ser relativizado em termos de suas aplicações. Todos esses modelos são fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos universitários, mas precisamos repensar o compasso entre os avanços das tecnologias e ações daquilo que Castells (1999) denomina de “pós-industrialismo”, economia de serviços e sociedade informacional e as suas capacitações.

Foi com base nesse quadro de constatações que procedemos a uma pesquisa empírica com os bacharéis em ciências contábeis registrados no Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul que atuam nos municípios-sede da mesorregião Noroeste rio-grandense. O intuito do trabalho foi amplo e aqui nos detemos unicamente na relação observada entre a realidade econômica e produtiva local e a atuação desses profissionais. O objetivo do presente artigo é discutir os atuais desafios que se colocam à formação e à prática do bacharel em ciências contábeis e as possibilidades de sua atuação, considerando a realidade econômica, produtiva e social em que ele se insere. Busca, ainda, contribuir com a literatura pertinente apresentando algumas evidências empíricas da pesquisa mais ampla desenvolvida, especificamente, no que tange às diferentes formas de atuação do contador.

Dividimos o presente artigo, a partir desta introdução, em quatro partes. A primeira trata do perfil do profissional e dos diferentes campos de atuação do contador, seguida pela discussão sobre a tendência atual do ensino da contabilidade. Num terceiro momento são apresentados os resultados da verificação empírica realizada na mesorregião Noroeste rio-grandense. Por fim, são apresentadas algumas considerações finais.

1 PERFIL DO PROFISSIONAL E CAMPOS DE ATUAÇÃO

Qual é o atual papel ou o perfil profissional do contador, ou do bacharel em ciências contábeis? Durante muito tempo, o papel do profissional de contabilidade no Brasil restringiu-se exclusivamente aos registros dos atos e fatos contábeis e de documentos legais e fiscais exigidos pelos órgãos públicos, tanto em nível federal como em nível estadual e municipal. A ciência contábil, entretanto, passou e está passando por uma série de transformações, seguindo a própria dinâmica socioeconômica, que cria, segundo Figueiredo e Fabri (2000), a necessidade de serem reavaliados os seus objetivos numa perspectiva mais ampla.

Esse novo cenário apresenta mudanças ocasionadas por diversos fatores, tais como o crescimento das relações econômicas de nosso país, o aumento das negociações internas e externas, o aumento constante do número de empresas que se instalam, o crescente aumento das exigibilidades legais inseridas com o novo Código Civil, a aprovação da nova Lei de Concordatas e Falências e a necessidade, cada vez maior, de prestação de contas, não somente para os sócios e investidores, mas para a comunidade como um todo. Dessa forma,

muito do que hoje é aceito como contabilidade não era reconhecido há 50 anos, e, seguramente, daqui a 50 anos a contabilidade se modificará profundamente em relação ao que é hoje. As mudanças nas atitudes sociais combinadas com o progresso da tecnologia da informação, a utilização dos métodos quantitativos e das ciências sociais tem afetado profundamente o cenário no qual atua a contabilidade [...] (FIGUEIREDO; FABRI, 2000, p. 35).

A contabilidade, conforme acrescentam os autores, está migrando de sua base tradicional, direcionada à escrituração, preparação de demonstrações e orçamentos, para um papel mais voltado ao gerenciamento, enfatizando sua importância social. Nessa mesma linha, nas palavras de Iudícibus e Marion (2000, p. 43), “a tarefa básica do Contador é produzir e/ou gerenciar informações úteis aos usuários da Contabilidade para a tomada de decisões”. As áreas de atuação do contador, segundo os autores, vão desde a coleta de dados, passando pelo registro dos dados e processamento, que resultam em relatórios que satisfazem à administração, aos investidores, aos bancos, ao governo e a outros interessados.

Já foi o tempo em que o profissional contábil trabalhava sozinho, longe da realidade das empresas e alienado aos meros registros contábeis dos fatos. Do mesmo modo, o paradigma de simplesmente fornecer informações para outros profissionais tomarem as decisões já não encontra respaldo nem validade no mercado de trabalho. O profissional de hoje e do futuro em Contabilidade é aquele que faz parte da decisão, que auxilia outros a tomarem decisões, o que significa trabalhar juntamente com uma gama variada de outros profissionais. (SERRA NEGRA, 2004, p. 12).

A formação obtida por meio do ensino superior, combinada com suas qualidades pessoais e de inter-relacionamento, permite que o graduado em ciências contábeis escolha e direcione-se para mais de uma área de atuação profissional. De acordo com o estabelecido na legislação específica,¹¹ o contabilista poderá exercer, seja como empregado, seja com empregador ou de forma autônoma, as funções de analista, assessor, assistente, auditor, interno ou externo, conselheiro, consultor, controlador de arrecadação, *controller*, educador, escritor ou articulista técnico, escriturador contábil ou fiscal, executor subordinado, fiscal de tributos, legislador, organizador, perito, pesquisador, planejador, professor ou conferencista, redator, revisor.

Na visão de Benau et al. (2002), a expressão contábil intelectual do país vem crescendo, apesar dos conhecidos problemas encontrados na área educacional e da ética

¹¹ A atuação profissional em contabilidade está delimitada pela resolução do Conselho Federal de Contabilidade nº 560, de 28 de outubro de 1983, que dispõe sobre as prerrogativas profissionais de que trata o artigo 25 do decreto lei nº 0.295, de 27 de maio de 1946: “Art. 2º O contabilista pode exercer as suas atividades na condição de profissional liberal ou autônomo, de empregado regido pela CLT, de servidor público, de militar, de sócio de qualquer tipo de sociedade, de diretor ou de Conselheiro de quaisquer entidades, ou, em qualquer outra situação jurídica definida pela legislação, exercendo qualquer tipo de função”.

profissional. Para Consenza (2001), esse será o milênio da nova era lógica de se fazer as coisas, seja no modo de realizar negócios seja na forma de pensar o mundo, exigindo um novo perfil para o contador. “Aqueles profissionais que hoje, ainda ficam presos ao passado e só conhecem, exclusivamente, a contabilidade, em termos de partidas dobradas debitando e creditando sem agregar nenhum valor à empresa, estão com seus dias contados” (p. 61). Para que possa otimizar o desempenho de sua função são cada vez mais necessários a especialização e o aprofundamento científico cultural, promotores da eficiência e da eficácia das suas atividades (FIGUEIREDO, FABRI, 2000; KRAEMER, 2000).

Também nessa linha de raciocínio, Berti (2001) entende que os conhecimentos em contabilidade necessitam abranger informações sobre economia, administração, direito, análise de sistemas, dentre outras, as quais possibilitam o desenvolvimento de atividades de fornecedor de subsídios para as tomadas de decisões. Portanto, vemos a importância da interdisciplinaridade. O autor esclarece ainda que o processo decisório ocorre mediante um contínuo conhecimento científico e técnico, indo desde o planejamento estratégico até a execução e o controle dos resultados. Tendo em vista que não existe ainda uma teoria adequada aos processos de decisão, Berti enfatiza que cada empresa é responsável pela construção de seu próprio modelo, a qual é influenciada pela formação profissional de cada indivíduo, destacando-se as experiências acumuladas ao longo dos anos e aos conhecimentos obtidos. Portanto, o cenário que se vislumbra indica o crescimento e a valorização da profissão contábil e um imenso desafio pela frente: o de procurar preservar o mercado profissional. Cabe examinarmos o direcionamento dos estudos sobre contabilidade frente a esse cenário.

2 A TENDÊNCIA ATUAL DO ENSINO DA CONTABILIDADE

A educação, o ensinar e o aprender sempre foram motivos de preocupação entre os educadores do mundo inteiro. Não é diferente no que tange à educação superior e, especificadamente, em relação à educação técnico-científica que os educadores desenvolvem nos cursos de ciências contábeis. Muitas dúvidas surgem quando pensamos nos métodos, recursos e estratégias a serem utilizados nas experiências acadêmicas.

A educação universitária sempre foi mais voltada para o propósito científico e de pesquisa. Esse propósito entra em conflito com o interesse real dos alunos, pois nos cursos de ciências contábeis, em sua grande maioria, eles não vêm buscar somente conhecimentos científicos, mas, sim, um conjunto de conhecimentos teórico-práticos que lhes forneça a possibilidade de, no futuro, atuar como contabilista. Oliveira (2003 p.30) ressalta que o “ensino da contabilidade deve ter como propósito prover a tomada de decisão considerando os recursos escassos”. Argumenta ainda que esse ensino deve incluir a “identificação de decisões cruciais das áreas e a determinação de objetivos e metas; fornecer subsídios à direção e o controle efetivo de recursos humanos, e

materiais”. Tais conhecimentos devem orientar o aluno para que ele seja capaz de “prover relatórios gerenciais sobre o custo dos recursos com identificação dos pontos críticos e oportunidades de melhoria; facilitar o controle e a função social”. Tornar a pesquisa uma ferramenta acessível e envolvente na busca de novos conhecimentos na área contábil é um dos desafios que enfrentam os profissionais do ensino.

Nesse sentido, chamamos a atenção para o direcionamento que deve ser dado aos planos pedagógicos dos cursos de ciências contábeis. Algumas instituições de ensino superior incluem em seu currículo um ou dois semestres de aulas em laboratórios, algo a ser considerado excelente, mas será suficiente para formar profissionais capazes de atuar como contadores? Os planos pedagógicos, em sua maioria, são elaborados seguindo apenas as diretrizes ministeriais em termos do conteúdo mínimo a ser cursado em cada período letivo. A primeira objeção que identificamos é que não pode existir um currículo com o mesmo formato em regiões distintas de um país com tantas diversidades econômicas.

Talvez seja justamente esse fato que contribua para a existência de hiatos não só na área contábil, mas entre a estrutura formativa e as possibilidades de atuação dos profissionais egressos do ensino superior. Tal fato é destacado por Oliveira (2003, p.30), que alerta: “Mudanças no ambiente econômico e na tecnologia têm superado a educação contábil e levado ao aumento da lacuna entre as necessidades atuais e o ensinamento contábil”. Na mesma direção, Serra Negra (2004, p.13) complementa: “Sociedades diferentes exigem comportamentos diferentes. Portanto, a educação contábil em cada instituição tem que levar em consideração os conjuntos de valores de cada lugar”.

Muitos cursos são oferecidos pelas universidades focalizando a prática profissional, não somente a científica, como é o caso dos cursos de agronomia, medicina, fisioterapia, medicina veterinária, direito, licenciaturas, dentre outros. Nesses cursos os alunos iniciam a prática profissional já nos primeiros semestres, ao passo que na maior parte dos cursos de ciências contábeis, a prática, quando existe, limita-se a um ou dois semestres num laboratório de informática, ou para alguns alunos, com mais disponibilidade de tempo, existe a possibilidade, em alguns casos, de participarem da “empresa júnior”.¹²

De outra parte, temos de atentar para outro problema tradicional no sistema de ensino superior do país. Serra Negra comenta que, “segundo inúmeras pesquisas do ensino contábil, o perfil do discente do Curso Superior de Ciências Contábeis no Brasil aponta, em sua maioria absoluta, para adultos na faixa de 23 anos que estudam no turno noturno em virtude de trabalharem durante o dia” (2004, p. 11). O autor complementa que, tendo em vista essa realidade, a formação dos alunos nesse curso deve atentar para

¹² Trata-se de uma consultoria gerencial criada nas universidades, normalmente instituída por associação civil sem fins lucrativos, formada por alunos de graduação, como forma de aplicação prática dos conhecimentos acadêmicos adquiridos, motivar o espírito empreendedor e dar oportunidade para o surgimento de lideranças empresariais. A empresa júnior presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, nas suas áreas de atuação, sob a supervisão de professores e profissionais especializados.

a utilização de metodologias ativas em termos de ensino-aprendizagem, de forma a fazer com que o professor seja um facilitador e orientador nesse processo. Uma das críticas recebidas, tanto por educadores quanto por educandos, é que o ensino universitário de ciências contábeis costuma ter um caráter excessivamente teórico.

A maioria dos alunos formandos não se sente preparada tecnicamente para enfrentar o mercado de trabalho. Como educadores, sabemos que essa é uma sensação normal entre os formandos de qualquer curso superior. Porém, no caso específico do Curso de Ciências Contábeis, no qual os conhecimentos técnicos e científicos da Contabilidade estão fortemente ligados, enfatiza-se muito o ensino da legislação fiscal, que altera quase que diariamente, e a sensação de desatualização e impotência frente ao trabalho contábil torna-se mais acentuado (SERRA NEGRA, 2004, p. 12).

Nesse sentido, ressaltamos a importância das aulas teórico-práticas como elemento facilitador do aprendizado. Sabemos que os cursos de ciências contábeis sempre foram, nas mais diversas instituições de ensino superior, cursos superavitários devido ao baixo investimento necessário para sua instalação. Cabe aos contadores, professores e alunos encontrarem espaço para solidificar estruturas que possibilitem a formação prática da contabilidade, não somente teórica. Aliado a isso, é claro, não podemos descuidar do fato de que os professores devem estar capacitados para essa nova modalidade de ensino. A maior flexibilidade curricular, por sua vez, viria suprir a lacuna entre cada curso e a realidade regional onde está inserido, com a instituição, por exemplo, de disciplinas que sejam direcionadas ao gerenciamento e controle das principais atividades econômicas encontradas na região.

Na percepção de Oliveira (2003 p. 30), o “desafio é captar as mudanças no mercado para que se tenha eficácia no ensino da Contabilidade”. Nesses termos, o autor argumenta a importância da introdução de novas tecnologias, uma vez que modificam “não apenas os meios para se gerar a informação, como também a própria economia, os mercados, os produtos e as decisões a serem tomadas”. Nessa mesma linha, Serra Negra (2004, p. 12) enfatiza que “o conhecimento contábil, apesar de datar de milhares de anos, não é um conhecimento estático. A cada dia novos métodos, novas técnicas e novas metodologias são incrementados nos Sistemas de Informações Contábeis de quaisquer organizações para melhor gerir seus patrimônios”.

Atualmente, como argumenta Oliveira (2003), “é necessário que esses profissionais rompam esses limites, de forma a atuar como gestores de todas informações das organizações, incluindo as relações com fornecedores, clientes, funcionários, com a sociedade e com os processos internos” (p. 31). A essas novas formas de atuação o autor chama de “condições necessárias”, pois acredita que são essenciais para obter consistência nos resultados financeiros.

Considerando os diferentes cenários e as novas formas de atuação do profissional da área contábil, abre-se espaço para a evidência empírica, como podemos observar a seguir.

3 UMA VERIFICAÇÃO EMPÍRICA: A MESORREGIÃO NOROESTE RIO-GRANDENSE

Buscando uma aproximação com a realidade, os dados que trazemos fazem parte de um projeto mais amplo que buscou evidenciar a relação entre a dinâmica produtiva regional e as possibilidades de atuação dos técnicos e bacharéis em ciências contábeis no estado do Rio Grande do Sul. Portanto, as análises apresentadas são apenas parciais. Seguindo o projeto, foram eleitos como *locus* de análise os municípios-sede (também denominados de “microrregiões”) da mesorregião Noroeste rio-grandense¹³, por envolver os municípios de origem da maior parte dos egressos das duas maiores universidades da região norte do estado do Rio Grande do Sul. O trabalho de campo definiu uma amostra probabilística, com erro de 5%, tendo como base os contadores, técnicos ou bacharéis registrados no Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, pertencentes aos 13 municípios. A amostragem para cada município totalizou 1.476 sujeitos ou indivíduos a serem pesquisados. Foram enviados questionários via correio aos sujeitos sorteados aleatoriamente. Retornaram somente 333 questionários no prazo estabelecido de dois meses. Tal fato impossibilitou a execução de análises mais específicas sobre a realidade produtiva municipal e a atuação dos profissionais. De toda a forma, considerando a mesorregião como um todo, o número de sujeitos amostrais foi significativo.

Inicialmente, por meio da análise de dados secundários, foi feita a caracterização econômico-produtiva da mesorregião Noroeste rio-grandense, a qual envolve uma população de 734.709 habitantes nos seus municípios-sede (Tab. 1). Em sua grande maioria são municípios de pequeno porte. Destacamos o município de Passo Fundo, com 174.324, seguido por Erechim (92.920), Santo Ângelo (76.181) e Ijuí (75.542). A taxa de urbanização, de maneira geral, é elevada, acima de 80%, com exceção dos municípios de Sananduva (64,20%), Três Passos (76,20%), Cerro Largo (76,30%) e Frederico Westphalen (78,70%).

¹³ Dentre os diferentes sistemas utilizados para a classificação de uma região econômica, adota-se o critério da divisão geopolítica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nestes termos, os municípios sede, denominados “microrregiões” pelo IBGE, pertencentes à “mesorregião Noroeste” do estado do Rio Grande do Sul são: Soledade, Não-Me-Toque, Passo fundo, Erechim, Sananduva, Carazinho, Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo, Cerro Largo, Santa Rosa, Três Passos, Frederico Westphalen.

Tabela 1 - População total e taxa de urbanização (%) nos municípios-sede da mesorregião Noroeste rio-grandense, 2003

Municípios-sede	População total	Taxa de Urbanização
Carazinho	58.561	97,20
Cerro Largo	12.206	76,30
Cruz Alta	66.251	96,50
Erechim	92.920	94,00
Frederico Westphalen	26.550	78,70
Ijuí	75.542	89,80
Não-Me-Toque	17.712	83,80
Passo Fundo	174.324	97,60
Sananduva	14.780	64,20
Santa Rosa	65.449	87,60
Santo Ângelo	76.181	86,30
Soledade	30.158	80,80
Três Passos	24.075	76,20
Total mesorregião	734.709	85,30*
Total do estado do RS	10.512.283	83,30

Fonte: FEE (2004).

Nota: * média dos 13 municípios.

Analisando a estrutura do valor adicionado fiscal (VAF), utilizada como aproximação da estrutura da produção econômica, dos municípios-sede da região em estudo (Tab. 2), observamos que a maior parte deles apresenta uma participação do setor agropecuário superior àquela do estado, sobretudo no ano de 1985. Nesse primeiro ano de análise, destacamos a importância do setor industrial no município de Santa Rosa. Já no ano de 2001, o setor industrial passou a ter maior representatividade em outros municípios, como Três Passos, Não-Me-Toque, Erechim e Carazinho. De outra parte, para além da tendência geral de terciarização das economias, foi notável a evolução do setor de serviços no município de Santo Ângelo (de 53,24% a 72,51%), seguido pelo município de Ijuí (de 63,42% a 73,90%).

Tabela 2 - Estrutura do valor adicionado fiscal (%) nos municípios-sede da mesorregião Noroeste rio-grandense, 1985, 2001

VAF (%) 1985					
Municípios	Agropecuária	Indústria	Comércio	Serviços	Total
Carazinho	27,30	18,53	21,49	32,68	100,00
Cerro Largo	37,86	8,36	15,21	38,57	100,00
Cruz Alta	25,95	12,77	22,98	38,31	100,00
Erechim	17,07	28,56	21,09	33,28	100,00
Frederico W.	33,77	17,15	12,13	36,95	100,00
Ijuí	17,64	18,95	24,33	39,09	100,00
Não-Me-Toque	31,39	27,21	15,02	26,38	100,00
Passo Fundo	14,47	26,61	23,77	35,14	100,00
Sananduva	37,51	16,37	12,32	33,81	100,00
Santa Rosa	8,83	51,37	13,87	25,93	100,00
Santo Ângelo	35,70	11,06	14,60	38,64	100,00
Soledade	34,27	9,52	13,26	42,96	100,00
Três Passos	41,72	10,67	9,80	37,81	100,00
Mesorregião	23,21	23,07	18,82	34,91	100,00
Estado RS	16,91	41,02	10,61	31,47	100,00
VAF (%) 2001					
Municípios	Agropecuária	Indústria	Comércio	Serviços	Total
Carazinho	9,87	30,42	13,58	46,13	100,00
Cerro Largo	30,49	8,62	15,77	45,11	100,00
Cruz Alta	20,96	17,87	17,54	43,63	100,00
Erechim	4,07	42,31	17,55	36,06	100,00
Frederico W.	27,52	8,83	12,25	51,40	100,00
Ijuí	12,14	13,96	31,98	41,92	100,00
Não-Me-Toque	19,09	43,60	7,56	29,74	100,00
Passo Fundo	4,78	30,74	21,26	43,21	100,00
Sananduva	38,15	15,85	10,37	35,63	100,00
Santa Rosa	10,70	48,38	9,56	31,36	100,00
Santo Ângelo	13,93	13,56	18,23	54,29	100,00
Soledade	18,41	21,31	10,21	50,07	100,00
Três Passos	16,88	43,56	7,08	32,47	100,00
Mesorregião	11,83	29,92	17,27	40,97	100,00
Estado RS	14,00	39,97	9,51	36,52	100,00

Fonte: FEE (2004).

Examinando, especificamente, o comportamento do setor agropecuário da região em estudo, no período de 1985 e 2001, comparativamente, percebemos que, apesar de algumas exceções (Erechim e Carazinho), ainda é expressiva a sua participação na estrutura econômica da maior parte dos municípios, sobretudo no caso de Sananduva, Cerro Largo e Frederico Westphalen.

Considerando a característica dos estabelecimentos produtivos nos diferentes setores de atividade, em relação ao porte e à capacidade de geração de empregos, foi possível confirmarmos a tendência já consolidada no restante do país: a maior parte dos estabelecimentos enquadra-se em categorias com número reduzido de funcionários. (desenvolver mais, referenciando autores, pois se trata de importante afirmação).

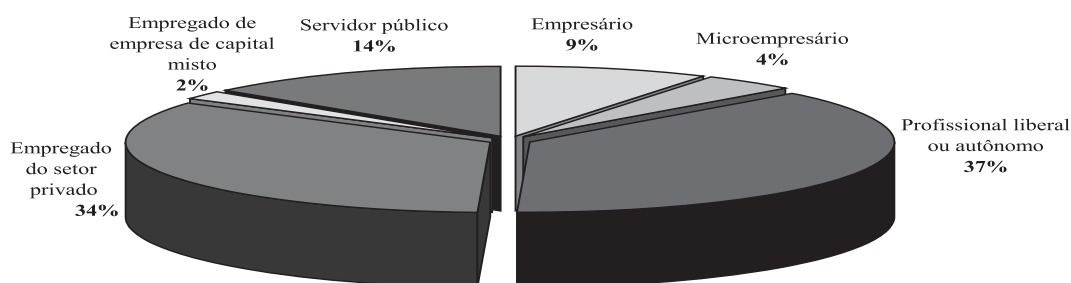
Tabela 3 - Distribuição dos estabelecimentos por número de funcionários empregados nos municípios-sede da mesorregião Noroeste rio-grandense, 2002

Nº funcionários municípios	0	até 4	5 a 9	10 a 19	20 a 49	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 a 999	1000 ou mais	Total
Carazinho	203	955	199	100	49	15	9	2	0	1	1.533
Cerro Largo	42	202	50	19	11	4	1	0	0	0	329
Cruz Alta	190	833	193	65	42	9	6	0	1	1	1.340
Erechim	394	1.541	348	177	90	30	16	7	6	2	2.611
Frederico W.	129	520	98	40	24	2	1	3	0	0	817
Ijuí	260	1.167	239	147	56	13	9	1	2	1	1.895
Não-Me-Toque	78	310	52	22	14	4	0	4	0	0	484
Passo Fundo	594	2.896	601	312	138	37	21	6	1	4	4.610
Sananduva	39	234	36	19	3	4	0	2	0	0	337
Santa Rosa	189	900	208	117	57	23	6	1	1	1	1.503
Santo Ângelo	255	1.031	213	90	48	13	5	4	0	1	1.660
Soledade	106	489	85	34	17	5	1	2	0	0	739
Três Passos	108	416	100	37	13	6	1	2	1	0	684
Mesorregião	2.587	11.494	2.422	1.179	562	165	76	34	12	11	18.542

Fonte: Brasil. MTE (2004).

Ao examinarmos a Tabela 3, notamos uma frequência significativa de estabelecimentos com nenhum (0) ou com até quatro (4) funcionários nos municípios estudados, no total da mesorregião, 14.081 dentre as 18.542 empresas (75,94%). Indo para o outro extremo, poucos são os estabelecimentos com mais de quinhentos funcionários em toda a mesorregião, 23 no total, ou 0,12%. Esse fato é relevante na medida em que a maior parte do emprego gerado no país, estado e região, assim como na mesorregião em estudo, depende das atividades e, por que não, da sobrevivência das micro e pequenas empresas.

Confrontamos, a partir de então, tais características com as informações levantadas por meio da pesquisa de campo. Em termos da ocupação principal, em torno de 8,57% e 4,13% dos contadores enquadraram-se como empresários e microempresários, respectivamente, 37,78% como profissionais liberais ou autônomos; 33,97% como empregados do setor privado, 13,65% como servidores públicos e 1,90% como empregados de empresa de capital misto (Fig. 1).



Fonte: Primária.

Figura 1 - Distribuição dos profissionais pesquisados em relação à forma de atuação enquanto ocupação principal

Entre as variáveis tratadas, focalizamos as atividades que os contadores pesquisados estavam exercendo no momento da pesquisa. Seguimos como opção de resposta as atividades elencadas pelos principais autores da área, tanto no âmbito interno da empresa, como de forma independente. Cabe ressaltar que nem todos os profissionais pesquisados responderam ao questionamento. De outra parte, alguns profissionais desempenham mais de uma função ao mesmo tempo. Portanto, os números que seguem representam uma tendência evidenciada pela pesquisa, mas não podem ser tomados para generalizações.

Tabela 4 - Atividades exercidas pelos entrevistados dentro da empresa em que trabalham frequência absoluta e frequência relativa (%)- 2002

Atividade desempenhada dentro da empresa	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Contador geral ou principal	35	36,50
Contador gerencial	3	3,10
Administrador	16	16,70
Analista de sistema contábil	3	3,10
Responsável por RH	1	1,00
Planejador/analista financeiro	1	1,00
Auditor interno	3	3,10
Auxiliar contábil	4	4,20
Escriturário	4	4,20
Outra	26	27,10
Total	96	100,00

Fonte: Primária.

Especificamente no que tange ao trabalho nas empresas, as atividades envolvem desde a função mais ampla de contador geral até outras correlacionadas (Tab. 4). Percebemos que a maior parte dos entrevistados atua ou como contador geral ou como administrador, fato que demonstra uma certa tradição no desempenho de sua formação. Tal fato pode ser justificado pelo expressivo número de micro e pequenas empresas da região, nas quais, muitas vezes, o contador assume também o papel de administrador.

Dentre os 333 respondentes, 62 contadores (18,60%) declararam estar atuando de forma independente (Tab. 5). As maiores frequências, nesse universo, foram para empresário contábil (35,50%) e perito contábil (25,80%), seguido por outras (22,60%) e consultor (14,50%); houve apenas um caso de enquadramento como investigador de fraude.

Tabela 5 - Atividades exercidas pelos entrevistados que atuam de forma independente, frequência absoluta e frequência relativa (%)- 2002

Atividade desempenhada	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Perito contábil	16	25,80
Consultor	9	14,50
Investigador de fraude	1	1,60
Empresário contábil	22	35,50
Outra	14	22,60
Total	62	100,00

Fonte: Primária.

Considerando a possibilidade de atuar no ensino e em atividades afins (Tab. 6), observamos que 36 (10,80%) do total de contadores pesquisados estão inseridos no meio, sendo a maior parte dedicada a exercer a atividade de professor (80,60%). Apenas um dos entrevistados realizava atividades de pesquisa e outros seis (16,60%) faziam conferências e exerciam outras atividades.

Tabela 6 - Atividades exercidas pelos entrevistados que atuam no ensino, frequência absoluta e frequência relativa (%) - 2002

Atividade desempenhada	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Professor	29	80,60
Pesquisador	1	2,80
Conferencista	3	8,30
Outra	3	8,30
Total	36	100,00

Fonte: Primária.

Dos 43 entrevistados que se enquadraram como servidores públicos, somente 25 responderam ao questionamento sobre as atividades que exercem (Tab. 7). Uma parcela significativa desses contadores (56,00%) estava desenvolvendo a atividade de contador público, de agente fiscal de renda ou de auditor do Tribunal de Contas. Entretanto, percebemos que uma proporção significativa não desenvolvia tal atividade principal (44,00% em outra), possivelmente pela própria característica das funções públicas oferecidas.

Tabela 7 - Atividades exercidas pelos entrevistados que atuam em órgãos públicos, frequência absoluta e frequência relativa (%) - 2002

Atividade desempenhada	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Contador público	10	40,00
Agente fiscal de renda	2	8,00
Auditor do Tribunal de Contas	2	8,00
Outra	11	44,00
Total	25	100,00

Fonte: Primária.

Identificando os ramos de atividade econômica das empresas para os quais os contadores entrevistados prestam serviço contábil, tentamos aproximar a atual atuação dos profissionais comparativamente às características produtivas da região em estudo. Nesse item se enquadram os empresários, microempresários, profissionais liberais e autônomos que atuam com escritórios de contabilidade.

Tabela 8 - Ramo de atividade econômica das empresas para as quais os pesquisados prestam serviço contábil, frequência absoluta e frequência relativa (%)-2002

Ramo de atividade econômica das empresas	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Empresas do setor industrial	537	10,50
Empresas do setor agropecuário	151	3,00
Empresas do setor comercial	2.912	56,90
Empresas do setor de transportes	154	3,00
Empresas seguradoras	94	1,80
Empresas do setor bancário	8	0,10
Empresas extrativas minerais	7	0,10
Empresas do setor hoteleiro	37	0,70
Empresas públicas	26	0,50
Empresas do setor de saúde	86	1,70
Empresas cooperativas	85	1,70
Empresas do setor de turismo	14	0,30
Empresas do setor da construção civil	124	2,40
Empresas sem fins lucrativos	240	4,70
Outras empresas ou profissionais prestadores de serviços	570	11,10
Outras	73	1,40
Total de empresas	5.118	100,00

Fonte: Primária.

Como podemos observar (Tab. 8), o maior número de empresas atendidas pelos contadores da região está concentrado no ramo de atividade comercial, as quais absorveram mais da metade da amostra (56,90)%. Os outros setores que também tiveram um número elevado de atendimento foram o de empresas ou profissionais prestadores de serviços, que absorveu 11,10% da amostra, e o setor industrial, com 10,50%. Os demais ramos específicos tiveram uma baixa frequência. Os resultados encontrados não surpreenderam, tendo em vista a tendência produtiva não só da região como do país e da economia mundial, para o setor terciário, comércio e serviços. De uma forma ainda incipiente, foram registradas atividades para o segmento das empresas sem fins lucrativos, seguidas pelas de transporte, agropecuário e da construção civil.

Nesse panorama surge a questão: quais são as disciplinas direcionadas e oferecidas para o gerenciamento desses ramos de atividades? Uma estudo exploratório¹⁴ baseado

¹⁴ Projeto de pesquisa desenvolvido por membros da equipe que efetuou o presente estudo, em fase de conclusão, que objetiva avaliar quantitativa e qualitativamente a estrutura curricular dos cursos de graduação em ciências contábeis de 25 instituições de ensino superior no estado do Rio Grande do Sul.

nas estruturas curriculares do curso de ciências contábeis das principais instituições de ensino superior do estado do Rio Grande do Sul demonstrou que não estão sendo oferecidas disciplinas direcionadas para o ramo comercial, nem para o ramo de prestação de serviços, tampouco para o gerenciamento das atividades das empresas sem fins lucrativos. Portanto, cabe à comunidade acadêmica, no momento de reestruturar seus currículos, discutir sobre a possibilidade de inserção não só de disciplinas, mas, sobretudo, de conteúdos que dêem conta dessa nova dinâmica econômica, produtiva e social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos a presente discussão, gostaríamos de contribuir com algumas considerações no sentido de podermos dar continuidade, ou pelo menos sugerir, ao necessário processo de autoconhecimento e reflexão sobre a atuação do contador.

Podemos evidenciar que o profissional contábil está ganhando e poderá ganhar um papel cada vez maior no contexto de rápidas transformações tecnológicas e na estrutura produtiva e social. Seu horizonte de atuação se amplia na mesma medida em que se ampliam as capacitações necessárias para enfrentar tal dinâmica. Podemos identificar a importância de se incluir, seja nas estruturas curriculares, seja nas práticas pedagógicas dos cursos de ciências contábeis, uma formação sólida, diversificada, interdisciplinar, consoante com a realidade mais ampla e local, e, sobretudo, responsável socialmente.

A realidade que trouxemos, como forma de aproximação, limita-se apenas à região eleita pelo estudo; contudo, pode ser representativa de muitos outros espaços do vasto território nacional. As características socioeconômicas das empresas para as quais os profissionais pesquisados prestam serviço sugerem novas perspectivas de estudo. Observamos que a grande maioria está enquadrada como micro e pequena empresa e que os setores de atividade mais presentes são o da prestação de serviços, comércio, indústria e agropecuária. Dessa forma, ressaltamos a importância da inclusão na grade curricular de disciplinas que focalizem o controle e o gerenciamento dessas atividades.

Além disso, deve ser repensado o tratamento dado às empresas prestadoras de serviço e empresas comerciais. Alguns profissionais liberais, como médicos, dentistas, advogados, têm muita dificuldade na parte administrativa e gerencial de seus consultórios, não sabendo exatamente qual é o seu custo; dessa maneira, não têm certeza se o preço cobrado ao cliente é adequado ou não. O profissional contador também não recebeu conhecimento específico para auxiliar tais profissionais. Problema maior ocorre quando esses profissionais se unem na forma de clínicas. O problema não difere quando pensamos em outros tipos de prestadoras de serviço, que precisam de grandes investimentos em maquinários, como clínicas de fisioterapia, radiológicas, academias de ginástica, oficinas mecânicas, entre outras.

Pensemos agora nas empresas comerciais, sejam elas atacado ou de varejo. Os profissionais da área contábil aprendem durante o curso de graduação a fazer os lançamentos de compra, venda, cálculo de impostos e outros mais. Para melhor auxiliar esse tipo de atividade, sugerimos a inclusão nos conteúdos das disciplinas oferecidas ferramentas para o gerenciamento de empresas comerciais e do setor de serviços, enfocando, por exemplo, o controle de estoques e compras administrado com curva ABC, a implementação de controle de caixa e de fluxo de caixa, ferramentas de análises de concessão de crédito, métodos de formação de preço de venda, além de outras ferramentas de controladoria.

Conforme comentamos anteriormente, tais lacunas devem ser analisadas pelas instituições de ensino, pelos professores, pesquisadores e pelos profissionais, pois há, antes de mais nada, uma obrigação social na comunidade em que estão inseridos e, como educadores, têm a obrigação de levar o conhecimento certo no lugar certo sob pena de não atingirem os objetivos a que se propõem, que é o de educar pessoas que possam contribuir para melhorar a sociedade. Dessa forma, poderão ocorrer melhorias nas estruturas curriculares que contemplem a realidade local e, com isso, contribuam para o crescimento local e regional, o que, conseqüentemente, permitirá o desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ARCE, Gustavo. Las mutaciones del capitalismo. In: ARCE, Gustavo; FERRO, Lilia. *Las Mutaciones del Capitalismo y las Relaciones Internacionales*. Montevideo: Fundacion de Cultura Universitaria, Servicio de Documentacion en Economia, n. 78, 2000. p. 5-38.

BALTAR, Paulo E. de Andrade; DEDECCA, Claudio Salvadori; HENRIQUE, Wilnês. Mercado de trabalho e exclusão social no Brasil. In: OLIVEIRA, Carlos E. B. de; MATTOSO, Jorge E. L. et al (Org.). *Crise e trabalho no Brasil, modernidade ou volta ao passado?* São Paulo: Scritta, 1996. p. 87-108.

BENAU, Maria Antonia Garcia et al. *Perfil do contador do século XXI*. Disponível em: <<http://www.sindicont-rio.org.Br/artigo1402.htm>>. Acesso em: 23 out. 2002.

BERTI, Anélio. *Diagnóstico empresarial: teoria e prática*. São Paulo: Ícone, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. Dados Estatísticos. Sinopses estatísticas da educação superior – graduação, 1997 a 2003. Brasília: 2004. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/default.asp>> Acesso em: 3 nov. 2004.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. Pesquisador. Estatísticas do Mercado de Trabalho. *Bases Estatísticas Rais/Caged* - Acesso On line. Brasília. Disponível em: <<http://mte.gov.br/EstudiososPesquisadores/PDET/Acesso/RaisOnLine.asp>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CLEMENTE, Ademir; HIGACHI, Hermes Y. *Economia e desenvolvimento Regional*. São Paulo: Atlas, 2000.

CONSENZA, José Paulo. Perspectiva para a profissão contábil num mundo globalizado - um estudo a partir da experiência brasileira. *Revista Brasileira de Contabilidade*, Brasília, n. 130, ano XXX, p. 43-63, jul./ago. 2001.

FIGUEIREDO, Sandra. FABRI, Pedro Ernesto. *Gestão de empresas contábeis*. São Paulo: Atlas, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: FRIGOTTO, G. et al (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 25-54.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER – FEE. Estatísticas FEE. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul/ Secretaria de Coordenação e Planejamento. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/index.php>>. Acesso em: 4 mar. 2004.

GENTILI, Pablo. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. In: FRIGOTTO, G. et al (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 76-99.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estatísticas do Cadastro Central de Empresas. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/cadastroempresa/2002/cempre2002.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil 2001*. Rio de Janeiro: IBGE/ Coordenação de Serviços e Comércio, 2003. (Estudos e Pesquisas, Informação Econômica, n. 1).

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. *Introdução à teoria da contabilidade: para o nível de graduação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

KRAEMER, Maria E. Pereira. O papel do profissional contábil no contexto organizacional. *Revista Brasileira de Contabilidade*, Brasília, n. 121, ano XXIX, p. 82-93, jan./fev. 2000.

MARION, José Carlos. *Preparando-se para a profissão do futuro*. Disponível em: <[http://www.uneb.org.br/contabilidade/profissao do futuro.htm](http://www.uneb.org.br/contabilidade/profissao%20do%20futuro.htm)>. Acesso em: 23 out. 2002.

OLIVEIRA, Antonio Benedito Silva (Coord.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Contabilidade*. São Paulo: Saraiva, 2003.

PAIVA, Vanilda; POTENGY, Gisélia; CHINELLI, Filippa. Qualificação e inserção alternativa no mundo do trabalho: a sociologia do trabalho para além da indústria. *Novos Estudos Cebrap*, n. 48, p. 121-142, jul. 1997.

POCHMANN, Márcio. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 1999.

SAMPAIO, Helena Maria Sant'Ana. *O ensino superior no Brasil: o setor privado*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2000. 392p. (Estudos Brasileiros 34).

SERRA NEGRA, Carlos Alberto. Reflexões sobre os quatro pilares da educação no ensino superior de ciências contábeis. *Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 118, p. 6-14, out. 2004.

SYNOPSIS

THE PRACTICE OF THE ACCOUNTING TEACHING AND THE SOCIOECONOMIC DYNAMICS: AN EMPIRICAL APPROACH

Taking into consideration the possible gaps between the curricular structure and the economic, productive and now, more than ever, social dynamics of the accounting courses throughout Brazil, it was perceived the need to analyze the concrete conditions of reality comprehension besides the existing traditional curricular structures. The objective of the present article is to discuss the current challenges which are met in the formation and in the practice of the accounting graduates and the possibilities of their practice, considering the economic, productive and social reality in which they are inserted. It was attempted to contribute to the analysis, presenting unprecedented results of an empirical study, by means of applying questionnaires comprising 333 accounting graduates who are registered at the regional accounting board of directors of Rio Grande do Sul and work at the headquarters of northwestern Rio Grande do Sul.

Key words: accountant development, socioeconomic dynamics, northwestern Rio Grande do Sul.

SINOPSIS

LA PRÁCTICA DE LA ENSEÑANZA CONTABLE Y LA DINÁMICA SOCIOECONÓMICA: UNA APROXIMACIÓN EMPÍRICA

Considerando los vacíos posibles entre la estructura curricular y la dinámica económica, productiva y, ahora, más que siempre, también social de los cursos de ciencias contables en el país, se percibe la necesidad de analizarse las condiciones concretas de la aprehensión de la realidad para además de las tradicionales estructuras curriculares existentes. El objetivo del presente artículo es discutir sobre los actuales desafíos que se ponen en la formación y en la práctica del graduado en ciencias contables y las posibilidades de su actuación, teniendo en consideración la realidad económica, productiva y social en que él se inserte. Busca contribuir con el análisis presentando los resultados inéditos de una pesquisa empírica, por medio de aplicación de cuestionarios, que contó con la participación de 333 graduados en ciencias contables registrados en el consejo regional de contabilidad del Rio Grande do Sul que actúan en los municipios sede de la mesorregión Noroeste del riograndense.

Palabras llave: formación del contable, dinámica socioeconómica, Noroeste rio-grandense.